



O EDUCANDO

JORNAL DE EXTENSÃO E INOVAÇÃO



Março de 2026

Edição: 01

Periodicidade: Trimestral

www.up.ac.mz

Director: Bonifácio Langa



Editorial

É com satisfação que apresentamos esta edição do *O Educando*, jornal de Extensão e Inovação da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP), espaço que evidencia o compromisso da comunidade académica com a transformação social e educativa. Esta edição reafirma o papel da FEP na articulação entre formação, investigação, extensão e inovação, respondendo aos desafios da sociedade moçambicana. Destacam-se a Feira do Brincar, que valoriza o desenvolvimento integral da criança, bem como as conferências internacionais dedicadas ao desenvolvimento da primeira infância e ao futuro da educação básica em Moçambique. No plano institucional, sobressai a inauguração da Sala de Informática Jacinto Cuco e a aposta contínua na orientação vocacional dos jovens. A entrevista à Professora Suzete Simbine enriquece esta edição, inspirando o compromisso com uma educação cada vez mais inclusiva e socialmente relevante.

Diovergildio Chauque

DESTAQUES



PROJECTO MBALELÉ MBALELÉ
APOIA A REALIZAÇÃO DA FEIRA
DO BRINCAR NA UNIVERSIDADE
PEDAGÓGICA DE MAPUTO



IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
DO DESENVOLVIMENTO DA
PRIMEIRA INFÂNCIA (DPI)



EMBAIXADOR DE PORTUGAL
INAUGURA SALA DE INFORMÁTICA
JACINTO CUCO, DA FEP



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E
PSICOLOGIA APOSTA NA ORIENTAÇÃO
VOCACIONAL PARA TRANSFORMAR O
FUTURO DOS JOVENS

PROJECTO MBALELÉ MBALELÉ APOIA A REALIZAÇÃO DA FEIRA DO BRINCAR NA UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA DE MAPUTO



cutivo da Khandlelo, o Dr. Domingos Chissano e de representantes de Parceiros e da Comunidade local. Esta Feira do Brincar proporcionou às crianças momentos de alegria, diversão e aprendizagem lúdica através de cantos de interesses organizados no local, incluindo Rodas de conversa para Pais e encarregados de educação com temas para fortalecer e estimular o desenvolvimento saudável da criança.

Realizou-se no dia 14 de Junho de 2025, a FEIRA DO BRINCAR, no Campus Universitário de Lhangue-ne em Maputo, cujo lema é “Brincar: um direito mágico e encantado, o evento celebrou o brincar como um direito fundamental das crianças”.

A Feira contou com a Presença das Crianças, do Magnífico Reitor da Universidade Pedagógica de Maputo, o Professor Doutor Jorge Ferrão, da esposa do secretário de estado da cidade de Maputo, Dra Sheila Dimande, do secretário Exe-



IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

DO DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

Universidade Pedagógica de Maputo junta Governo e Academia em debate sobre o Futuro das Crianças



Abdul Razak Amuzá Esmail, Secretário de Estado do Género e Acção Social,

A Universidade Pedagógica de Maputo (UPMaputo), através da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP), realizou nos dias 5 e 6 de Novembro de 2025 a IV Conferência Internacional do Desenvolvimento da Primeira Infância (DPI), sob o lema “DPI em Moçambique: O Passado e o Presente! Que Futuro?”. O evento decorreu no Campus Universitário de Lhanguene, em formato híbrido, e reuniu representantes do Governo, académicos, investigadores, estudantes, organizações da sociedade civil e parceiros internacionais de Portugal e Brasil.

A conferência realizou-se num ano especial para a Universidade Pedagógica de Maputo, que celebra 40 anos de Maturidade e Transformação, reafirmando o seu compromisso com a formação, pesquisa e promoção de políticas educativas

centradas na criança.

A sessão de abertura, presidida por Sua Excelência Abdul Razak Amuzá Esmail, Secretário de Estado do Género e Acção Social, contou também com as intervenções do Vice-Reitor da UPMaputo, Professor Doutor José Castiano, e do Director da Faculdade de Educação e Psicologia, Professor Doutor Bonifácio Langa.

A cerimónia foi marcada por um ambiente vibrante e inspirador, animado pela presença de crianças, que, através de cânticos e danças, tornaram o momento mais colorido e memorável, simbolizando o verdadeiro propósito da conferência: colocar a infância no centro das atenções.

O Painel Principal, considerado o momento central do evento, foi

conduzido por Sua Excelência o Secretário de Estado, que abordou os desafios e oportunidades para o futuro do Desenvolvimento da Primeira Infância em Moçambique.

O momento contou com participações de académicos, especialistas, estudantes e representantes de organizações da sociedade civil, que acompanharam e contribuíram para o debate, sublinhando a importância da coordenação intersectorial, do investimento público e da formação de profissionais qualifica-



Luís Jorge Ferrão - Reitor da UPM

dos.

Durante os dois dias, a conferência promoveu sete painéis temáticos e três sessões paralelas, destacando temas como políticas públicas, inclusão educativa, formação de educadores e práticas pedagógicas inovadoras. Paralelamente, esteve patente uma exposição de serviços e projectos de DPI, que deu visibilidade às iniciativas de diferentes

instituições e organizações parceiras.

A palestra final, proferida pelo Professor Doutor Thiago Pacheco (Brasil), intitulada “Bebês, Mulheres e Capulanas: Qual a relação e o significado no cuidado infantil?”, antecedeu a sessão de encerramento, presidida pelo Magnífico Reitor da UPMaputo, Professor Doutor Jorge Ferrão. No seu discurso, o Reitor destacou o papel da conferência como espaço de partilha científica, reflexão e compromisso institucional com o futuro da infância moçambicana.

Desde 2019, a UPMaputo realiza bianualmente as Conferências Internacionais do Desenvolvimento da

Primeira Infância, consolidando este espaço como um barómetro entre governo, academia e sociedade nacional do bem-estar da criança e civil.



DATAS IMPORTANTES DO CALENDÁRIO ACADÉMICO - 2026

ACTIVIDADE
Aulas do 1º semestre (16 semanas)
Exames Normais e de Recorrência
ACTIVIDADE
Aulas do 2º semestre (15 Semanas)
Jomadas Científicas Estudantis
Exames Normais e de Recorrência

PERÍODO
23.02.2026 - 12.06.2026
22.06.2026 - 12.07.2026
PERÍODO
27.07.2026 - 31.11.2026
21.09.2026 - 24.09.2026
23.11.2026 - 12.12.2026

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Debate o Futuro da Educação Básica em Moçambique

Nos dias 9 e 10 de Setembro de 2025, a Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo, em parceria com o Movimento de Educação para Todos e outras instituições, promoveu a Conferência Internacional sobre Educação Básica para Todos.

O encontro reuniu académicos, investigadores, gestores e estudantes de Moçambique, Brasil e outros países, num espaço de reflexão sobre os desafios e perspectivas para uma educação básica inclusiva e de qualidade.

A Vice-Reitora da UPM, Prof.^a Doutora Leonilde Sanveca, destacou a importância do diálogo científico internacional. O Director da FEP, Prof. Doutor Bonifácio Langa, sublinhou o compromisso da Faculdade com a pesquisa e a transformação educativa. Já o Coordenador da Comissão Organizadora, Prof. Doutor Orlando Chemane, reforçou a relevância da pesquisa em educação para a formulação de políticas adequadas ao contexto nacional.

O ponto alto foi a Mesa Redonda “Subsídios para uma Agenda de Educação do Futuro em Moçambique”, com a participação de académicos como o Prof. Doutor Severino Ngoenha e o Prof. Doutor Félix Mulhanga, além de representantes do MEPT, do MINEDH e do Município de Maputo.

A conferência encerrou com a palestra da Prof.^a Doutora Vera Rodrigues (UNILAB – Brasil), que defendeu a valorização dos saberes locais em diálogo com a diversidade global.



Prof. Félix Muchanga, intervindo na Conferência

O evento consolidou Moçambique como centro de debate internacional e reforçou o papel da Universidade Pedagógica de Maputo na promoção de uma educação inclusiva, equitativa e transformadora.



Membros de um dos painéis da conferência



Foto de família na conferência

EMBAIXADOR DE PORTUGAL INAUGURA SALA DE INFORMÁTICA JACINTO CUCO, DA FEP

Texto e Fotos: GCI/UP-MAPUTO

O actual Embaixador de Portugal em Moçambique, Jorge Monteiro realizou sua primeira visita a Universidade Pedagógica de Maputo (UP-Maputo), concretamente o campus de Lhanguene, aonde participou da inauguração da sala de informática da Faculdade de Educação e Psicologia (FEP) atribuída o nome de: Jacinto Cuco, em homenagem ao docente falecido desta faculdade. Na ocasião, o Embaixador manteve encontro com o Reitor da UP-Maputo, Professor Jorge Ferrão, sua equipa, docentes e estudantes, assim como percorreu os laboratórios de oficinas pedagógicas, pesquisa e de química analítica.

Monteiro, na sua locução sublinhou a grande importância da cooperação existente entre Moçambique e Portugal, destacando que esta parceria abrange praticamente todos os sectores, desde a educação, saúde, cultura, etc, acrescentou que: “nós não devemos olhar para aquilo que fizemos como o ponto de chegada, mas como um ponto de partida”. Uma vez que, ambos países têm a responsabilidade no momento em que se celebram 50 anos de Independência de Moçambique, de olhar para o futuro com ambição, com uma perspectiva de que os esforços quando são combinados acrescentam e criam um produto mais positivo.

Portanto, para Monteiro o papel das universidades é fundamental para a materialização desta cooperação, desafiando a possibilidade de se levar mais estudantes moçambicanos para Portugal através das bolsas de estudo.



Momento de inauguração da sala de informática



Sala de informática Inaugurada

Por seu turno, Ferrão recordou do discurso público do Presidente Samora o qual dizia que “o povo português é o nosso aliado de sempre” portanto, ao longo dos anos sempre, portanto, ao longo dos anos o sentido dessas palavras se transformaram em amizade e fraternidade entre Moçambique e Portugal, justificou Ferrão, acrescentando que a visita do Embaixador se reveste de

muito significado, e que Portugal contribuiu na formação dos docentes da UP-Maputo em diferentes áreas.

A esposa do Professor Cuco, disse que a vida do seu esposo foi de exemplo de dedicação, humildade e amor ao ensino, pois, ele acreditava na educação como força de transformação, e dedicou-se a FEP, aos

alunos e colegas. Hoje ao ver o seu nome eternizado na sala inaugurada senti que uma parte dele continua viva, num espaço com símbolo de saber e esperança.

Na reunião fez-se apresentação da UP-Maputo, pela Directora de Planificação e Desenvolvimento Institucional e; retrospectiva da cooperação da UP-Maputo com instituições portuguesas, pelo Leitor do Instituto Camões, Prof. Doutor Salvador Marques que destacou a parceria como sendo duradoura com cerca de 38 anos, assente na língua e no conhecimento.



Jorge Monteiro - Embaixador de Portugal em Moçambique



Momento de brinde pela nova sala de informática

DATAS DE COMEMORAÇÃO DE DIAS DE CURSOS - 2026

CURSOS	DATAS
Educação e Assistência Social	15 de Maio
Pedagogia	20 de Maio
Administração e Gestão da Educação	23 de Junho
Psicologia Clínica	24 de Julho
Psicologia Educacional	24 de Julho
Psicologia Social e das Organizações	24 de Julho
Educação de Infância	26 de Agosto

Num Mundo em constante mudança, a escolha certa pode fazer toda a diferença

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA APOSTA NA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL PARA TRANSFORMAR O FUTURO DOS JOVENS

Acção na Escola Secundária de Mulovote beneficiou 200 alunos com aconselhamento e palestras sobre escolhas profissionais e combate à violência.

A Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo reforçou o seu compromisso com a formação integral dos jovens ao realizar, no dia 18 de julho de 2025, uma acção de Orientação Vocacional e Profissional na Escola Secundária de Mulovote, na Matola, Província de Maputo.

psicólogos e estudantes finalistas, que proporcionaram aconselhamento individual e colectivo.

Para além da orientação vocacional a acção integrou palestras e debates sobre a prevenção da violência nas escolas, numa parceria com o Movimento de Educação para Todos (MEPT).

A abordagem procurou alertar os jovens para os impactos negativos da violência e reforçar valores de convivência pacífica, num contexto em que se têm registado casos preocupantes em instituições de



Tima Dinis - Docente



Ajudar os alunos a fazer escolhas conscientes é preparar cidadãos para um futuro mais sólido e responsável”, destacou a Dra. Tima Dinis, psicóloga e docente na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Pedagógica de Maputo, sublinhando que estas acções serão contínuas e incluirão temas ligados à prevenção do consumo de álcool, tabaco e drogas.

A iniciativa teve como objectivo sensibilizar os alunos para a importância de escolhas acertadas na construção do seu futuro académico e profissional, numa altura em que as decisões vocacionais são determinantes para o sucesso no mercado de trabalho.

Segundo a coordenação da actividade, cerca de 200 alunos foram atendidos por uma equipa composta por 20 profissionais, entre docentes,

ensino da Província de Maputo.

Para a directora da Escola Secundária de Mulovote, Dra. Helena Roque, a presença da Universidade na escola “é um gesto que enriquece a vida estudantil dos alunos e lhes oferece ferramentas para planificarem melhor o seu futuro. É fundamental que estas iniciativas sejam regulares, para garantir que os nossos alunos não escolham cursos por acaso, mas por vocação e consciência”.



Niata Magalhães - MEPT

Os próprios alunos reconheceram a importância desta intervenção. “Aprendi que a escolha de uma carreira não deve ser feita por influência de amigos, mas com base no que eu gosto e no que sei fazer. Esta orientação ajudou-me a esclarecer muitas dúvidas”, afirmou Nilza Filimone, aluna da 12.^a classe.

Com esta intervenção, a Faculdade reafirma a sua missão de apoiar o desenvolvimento académico, pessoal e social dos jovens, criando condições para que cada estudante construa um projecto de vida alinhado aos seus talentos e aos desafios da sociedade contemporânea.



Ficha Técnica

O Educando, jornal de Extensão e Inovação
 Propriedade: FEP - UP Maputo
 Periodicidade: Trimestral
 Director: Bonifácio Langa
 Editor: Diovargildio Chauque.
 Colaborador permanente: Eduardo Humane
 Projecto Gráfico: FEP
 Edição: 01
www.up.ac.mz

Professora Suzete Simbine: Uma Trajectória que Inspira

Da superação pessoal ao compromisso com a educação inclusiva

O Educando, nesta edição, entrevista uma das figuras mais emblemáticas da Faculdade. Pessoa de uma trajectória impar. Verdadeiro exemplo de superação. Por isso, uma figura querida e que inspira a muitos, desde colegas a estudantes. Falamos da Profa. Suzete Simbine, docente da faculdade, que actua na área de educação, com realce para a área de Necessidades Educativas Especiais. Mais do que uma professora é uma militante incansável por um mundo mais justo, que acolhe a todos, independentemente das diferenças. Está feito o convite. Viajemos pela trajectória da Profa Suzete, com muito carinho é tratada.

Poderia apresentar-se brevemente e falar um pouco do seu percurso até chegar à carreira académica?

Nasci em Chidenguele, província de Gaza. Filha de pais assimilados, por isso iniciei os meus estudos numa escola oficial, a 7 km de casa, isso na época colonial. Em 1976 fui acometida pela pólio (poliomielite), situação que fez com que interrompesse os estudos. Fiquei hospitalizada de Maio a Novembro desse ano.

Em 1977 voltei a frequentar a escola aqui em Maputo, numa rotina em que o meu saudoso pai levava-me às costas até à sala e, no fim das aulas, ia buscar-me. Na altura estava a fazer fisioterapia no HCM para ganhar equilíbrio e mobilidade. No ano seguinte, por conselho da então Ministra da Educação e Cultura, mamã Graça Machel, passei a viver e a estudar no Centro Educacional da Macia (Gaza).

Em 1979 concluí a 4.^a classe na Escola Primária de Chicumbane (Gaza). Nos dois anos subsequentes não tive acesso aos estudos, pois havia escassez de vagas nos centros internatos. Em 1982, o meu pai matriculou-me na Escola Secundária Xai-Xai (Gaza) para frequentar a 5.^a e a 6.^a classes e, em 1986, concluí a 9.^a classe na mesma cidade.



Em 1989 concluí a 11.^a classe na Escola Pré-Universitária de Nwachilwane (Gaza) e, no ano seguinte, ingressei no então Instituto Superior Pedagógico (ISP), actual Universidade Pedagógica de Maputo, onde viria a graduar-me em 1995, cinco anos depois de frequentar o curso de Licenciatura em Psicologia e Pedagogia. Um reparo: não foi fácil ingressar na instituição, dada a conjuntura social dominante na época. Uma pessoa com deficiência a formar-se era uma miragem naquele tempo, por isso estou eternamente grata ao saudoso Professor Queirol (o Mutchatcho), pelo seu papel na minha integração na turma de 1990.

Em 1995 concluí as disciplinas e,

semanas depois, foi a defesa (21 de Junho). Na mesma data recebi convite da professora Cristina Tomo para fazer parte do corpo docente da Faculdade de Ciências Pedagógicas. Foi um susto ouvir da boca da professora: “Quero convidar-te a trabalhares comigo no Departamento de Educação Especial, tu queres?”. Com esse convite, não cheguei a sujeitar-me às humilhações que eram características quando se submetia candidatura a uma vaga de emprego.

Em 2006 surgiu a oportunidade de entrar no programa de Mestrado oferecido pela UP e pela PUC/São Paulo. E, em 2013, iniciei o programa de Doutoramento na Escola Doutoral de Educação e Currículo.

Que factores ou pessoas mais influenciaram a sua escolha pela vida universitária?

Factores? Não há factores nem motivos. Na época não havia oportunidade de escolha. O sistema era: terminada a 11.^a classe, saía a colocação no Ministério, pegava-se a guia e ia-se inscrever na instituição onde se era colocada. As necessidades do país ditavam que áreas

superior. Naquele instante, o meu mundo acabou.

Mas, como tinha vaga, fui ao Ministério anular o meu processo da DDR e resgatar a minha guia para o ISP. Posso dizer que o meu saudoso pai, Edome Simbine, o Ministério da Educação e Cultura e o professor Queirol foram determinantes para eu ser a pessoa que sou na academia.



eram prioritárias e que quadros formar. O meu nome saiu para o então ISP, uma instituição de formação de professores.

Na época tentei esquivar-me ao curso de professora, concorrendo às bolsas que havia para a extinta RDA. Terminado o processo de preparação da viagem, de forma cordial, fui despedir-me da mamã Graça Machel, que era quem afastava todos os obstáculos na minha carreira. Sucede que, depois de ouvir atentamente o motivo da minha visita naquela manhã, ela insurgiu-se, interditando a minha saída do país para fazer a formação

QUERO ABRIR PARÊNTESES! A minha vida académica e profissional foi marcada por pessoas como: Edome Simbine, Graça Machel, Henrique Queirol, Cristina Tomo, Daniel Nivagara, Alípio Casali, Hildizina Dias, Ângelo Muria, Ana Paula Loução Martins. A estas pessoas faço vénia.

Quais foram os momentos mais marcantes da sua formação até ao doutoramento?

Momentos marcantes: Graduação em Psicologia e Pedagogia

em 1995; admissão ao primeiro programa de Mestrado em Educação/Currículo e também na primeira edição de doutoramento da UP.

Como descreve a sua experiência ao longo da carreira docente universitária?

A minha experiência ao longo da carreira docente universitária é boa. Gosto do que faço; não tenho máculas de relevo. Caso se saiba de algum atropelo, talvez não seja tão relevante. Agora, situações originadas pelo sistema, essas não são da minha alçada. E... a minha experiência na docência é boa porque eu não sou de reclamar; aceito as condições, quer de trabalho quer remuneratórias, que me são oferecidas, razão pela qual no meu vocabulário não existe a expressão “injustiça”, provavelmente porque a minha carreira estudantil tenha sido marcada por muitos percalços, devido à predominância de preconceitos na nossa sociedade... Assim, facilmente contento-me.

Que realizações profissionais considera mais significativas no seu percurso?

São realizações muito marcantes, profissionalmente, a colaboração na direcção da Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia, como adjunta do professor Daniel Nivagara, a quem estou grata pelas aprendizagens na liderança. Na época, liderámos a grande reforma que culminou com a introdução do novo currículo da UP em 2010.

Organização de eventos nacionais congregando docentes

responsáveis pela cadeira de NEE de todas as Delegações. Foi um período de muita produção científica nesta área e de publicação também.

Quais foram os principais desafios que enfrentou no exercício da docência e investigação?

Os desafios foram comuns para todos: a escassez de recursos primários para a realização condigna das actividades académicas, meios e material didáctico, recursos financeiros, espaço físico para trabalhar, recursos informáticos... A investigação é feita com sucesso havendo recursos mínimos. Mas, mesmo assim, sempre superámos como grupo determinado a trabalhar.

Que desafios específicos enfrentou por ser mulher no meio académico?

Desafios por ser mulher... não tenho registo. Como sou alguém que leva quase tudo na desportiva... não uso o termo injustiça. Desafios para a mulher na academia são os mesmos para o homem, pelo menos na FEP eu entendo assim.

E mais: na academia não procuro afirmação; afirmo-me com o tempo e por mérito. Cada um deve procurar estratégias para superar; caso contrário, fica aí onde está, refila, reclama que um dia o seu Deus irá responder.

Como conciliou as exigências da vida profissional com a vida pessoal e familiar?

A minha vida como pessoa não é muito agitada; valho-me da planificação. Não estou muito dispersa para não falhar muito. Sou pela

Faculdade, pela minha pessoa, pelo meu habitat, pela minha fé, e pronto. Aliás, pelo meu Deus Altíssimo, mas de forma regular.

Na sua perspectiva, que mudanças ocorreram (ou ainda são necessárias) quanto à participação das mulheres no ensino superior?

A este respeito, não tenho base científica para responder; não tenho domínio das estatísticas. No entanto, na minha opinião pessoal, não há necessidade de se operarem mudanças para garantir a participação da mulher no ensino superior, dado que existem instrumentos claros que defendem tanto a mulher quanto o homem para singrar na vida. NÃO QUERO LEVANTAR POLÊMICA! No entanto, se uma mulher encontra barreiras no seu desejo de participar em jornadas do ensino superior, ela pode recorrer aos recursos disponíveis para defender-se e proteger-se. Se a mulher não fizer uso desses dispositivos, é da sua inteira responsabilidade. As leis estão claras. Entretanto, se quem devia aplicar e fazer cumprir a lei deixar de o fazer, aí não é o sistema que deve mudar, mas sim a figura que não funciona.

Que balanço faz da sua trajectória agora que se aproxima da reforma?

Acredito que a minha trajectória foi boa, dado que ainda não tive questionamentos formais a respeito do meu desempenho dentro da instituição. Acredito que foi boa porque granjeio carinho de colegas, não pela condição, mas pela pessoa humana que sou. Não creio que o acreditar, apostar ou mesmo confiar em mim seja algo accidental ou por empatia. Se for por isso, se eu

souber, será a minha maior tristeza.

Creio ter feito uma boa trajectória perante os diferentes directores da Faculdade e de outras onde prestei serviços dentro da Universidade; perante os diferentes Centros de Pesquisa, particularmente o CEPE; perante diferentes Reitores da Universidade.

Que conselhos deixaria às jovens mulheres que pretendem seguir a carreira académica?

Que cada uma se coloque no lugar onde deve estar como ela própria, sem procurar ocupar o lugar de outrem; impor respeito pelo seu ser. As mulheres jovens devem conhecer o seu lugar. Elas devem ser perseverantes; determinadas; focadas; resilientes; evitar procurar saber o que não está no seu plano analítico; fazer um plano semanal de actividades para poder conciliar a vida familiar, profissional e académica, quiçá também política.

Que autor (obra ou livro) prefere?
Mamã Paulina Chiziane, qualquer obra por ela escrita.

Qual é a frase (ou citação), dentro da academia ou fora dela, que lhe inspira?

O slogan internacional das pessoas com deficiência: “Nada para nós sem nós”. Tudo o que for para beneficiar uma pessoa com deficiência deve ser feito com o conhecimento e presença dela. Não se criem benefícios sem a participação deste grupo, para evitar definir prioridades que já não são prioridades para eles, ou trazer soluções que já não são necessárias, que estão ultrapassadas.

Essa fé na ciência levaria a desconsiderar os “saberes populares” e outros conhecimentos, a colocar no “analfabetismo” e no “obscurantismo” (isto é, no universo cultural das comunidades camponesas trabalhadoras) como a causa de todos os problemas”. (GOMEZ, Miguel Buendia 1999, p. 409)

Pela extensão universitária a luta continua!



Por Eduardo Humbane

A extensão universitária tem ganho destaque nos últimos anos na nossa universidade. Hoje ela já tem um lugar de relevo nos nossos documentos orientadores. Não só já temos uma Política de Extensão Universitária como também estruturas orientadas para a fazer acontecer. E já há algumas excelentes iniciativas de extensão pela universidade.

Há “n” formas de argumentar a favor de uma extensão universitária robusta. Vou argumentar com suporte em Edgar Mourin, esse pensador esplêndido que, eventualmente, poderia ser mais usado entre nós. Para Mourin, como muito bem explica (Estrada, 2009), vivemos num mundo em constantes mudanças, sendo que a realidade não pode ser totalmente compreendida por meio de abordagens simplificadoras e redutoras, daí a sua crítica à tendência de isolamento das disciplinas e áreas de estudo. Por isso, percebemos a partir de Morin, se faz necessária uma abordagem mais holística, que reconheça as interconexões entre as diferentes áreas do conhecimento e as múltiplas dimensões da vida humana.

Bom, a questão que surge é como se poderia promover uma boa formação académica, aquela em que, como referido, nos tornamos

competentes para compreender que os fenómenos estão necessariamente interrelacionados e que a existência humana é multidimensional. Que, por exemplo, a resolução de um problema passa por olhá-lo considerando a sua complexidade e não com base em uma ou duas variáveis.

A extensão universitária, claramente, é um recurso a potenciar no desiderato de formar futuros cientistas e profissionais e mesmo cidadãos “completos” pois ela “abana” a fragmentação entre a teoria e a prática, por um lado e a fragmentação entre as diferentes disciplinas científicas, por outro, ao proporcionar contacto e/ou interação entre os actores universitários e os actores sociais externos. Com efeito, os universitários, no contexto

da extensão implementam projectos de intervenção social, prestam serviços, etc., imergindo sobre a realidade social, que não é fragmentada, mas é um todo multidimensional.

Veja-se que um dos princípios sacrossantos da extensão universitária, também presente na Política de Extensão da UP-Maputo, é a interação dialógica. Este princípio orienta que os actores universitários, professores e estudantes, saiam dos muros da universidade e adentrem pelas comunidades locais, que vivem em áreas geografias próximas ou distantes da universidade e de suas próprias comunidades, não só para disponibilizarem o conhecimento acumulado pela universidade, como para ajudá-las a superar desafios, mas também, e isto é muito



importante, para aprenderem com elas.

Isto é interessante. É formador. É edificador. Assim é porque em actividades de extensão os actores universitários tem a possibilidade de vivenciar situações reais, se confrontando nas comunidades com desafios que estas vivem nos mais diversos campos da vida. Nestas ocasiões, os estudantes perceberão que devem necessariamente mobilizar o conhecimento teórico de diferentes disciplinas para que possam efectivamente ajudar as comunidades. Como bem sugere Mourin, terão que exercitar o pensamento complexo, porque perceberão que só dessa forma darão conta de apreender e elaborar sobre a complexidade da vida social humana.

A interação dialógica propicia que os actores universitários aprendam com as comunidades, detentoras de riquíssimo conhecimento endógeno. Isto é importante, como sói dizer-se, a verdadeira universidade é a universidade da vida. Não por acaso, um dos momentos mais



interessante da vida universitária é de ver a teoria a confrontar-se com a prática, com a realidade. Tal é particularmente interessante num contexto como o nosso, em que a teoria geralmente tem origem exógena, portanto, construída para responder a perguntas que nem sempre fazem sentido entre nós... a extensão pode levar-nos a fazer as questões que realmente importam...

E há mais. Os actores universitários,

ao imergirem nas comunidades, se se orientarem pela interação dialógica, terão a oportunidade de desenvolver o seu sentido de humanismo e de cidadania, de uma forma mais geral. Assim é porque serão impelidos a ser empáticos, a praticar a ética, com realce para a ética do cuidado.

Há muito mais razões para abraçar a extensão, mas apenas estas já são mais do que suficiente para dizer que pela extensão universitária a

luta continua!





O Impulso

Autora: Won-pyung Sohn

Por Evilio Mause

A minha leitura de *Impulso*, de Won-pyung Sohn, transformou-se, em algo muito além de uma simples experiência literária. O que começou como curiosidade converteu-se num exercício profundo de introspecção, quase um confronto silencioso com as próprias fragilidades. Desde as primeiras páginas, percebe-se que não se está diante de uma narrativa superficial sobre juventude. A obra mergulha nas complexidades das relações humanas, acompanhando jovens que enfrentam desafios emocionais e sociais enquanto tentam encontrar o seu lugar no mundo. Essa busca por identidade, descrita com delicadeza e precisão, despertou em mim, memórias de fases da vida marcadas por incertezas semelhantes, momentos em que cada escolha parecia carregar o peso de definir quem ele seria.

Os personagens chamaram particularmente a atenção. Ricos em nuances, não são heróis idealizados nem figuras moralmente simplificadas. A protagonista, sobretudo, conduz o leitor por uma jornada de autoconhecimento marcada por conflitos internos e pressões externas. Ao acompanhá-la, sente-se refletindo em suas hesitações, no medo de não corresponder às expectativas e na luta silenciosa por autenticidade. A identificação não foi imediata, mas gradual e, justamente por isso, mais perturbadora. As interações entre os personagens revelam tensões subtis, construídas a partir de insegu-

ranças, silêncios e expectativas não ditas. Esse realismo toca profundamente, pois reconhece-se ali dinâmicas presentes na vida moderna: a necessidade constante de validação, a comparação inevitável, o receio de exclusão. O desejo de pertencimento, tema central da obra, mostrou-se ambíguo, ao mesmo tempo motor de crescimento e fonte de sofrimento. Ao observar essa dualidade, leva-se a questionar até que ponto, em sua própria trajetória, buscou aceitação à custa de silenciar partes essenciais de si.



A crítica social que atravessa o romance também não passou despercebida. A pressão por desempenho, o medo do fracasso e as expectativas impostas pelo meio social aparecem como forças moldadoras dos chamados “impulsos”.

Comecei a refletir se tais impulsos seriam, de fato, actos isolados de fraqueza individual ou respostas acumuladas a contextos emocionalmente sufocantes. A autora não oferece julgamentos fáceis, e essa ausência de moralização simplista intensificou a experiência de leitura. A escrita de Won-Pyung Sohn revelou-se envolvente e contida, evitando exageros dramáticos. Essa sobriedade emocional exigiu dele uma leitura atenta e sensível. Não havia respostas prontas, nem finais confortáveis. Em vez disso, havia perguntas, perguntas que ultrapassavam as páginas e ecoavam na sua própria história.

Ao concluir o livro, não senti entusiasmo efusivo, mas um silêncio reflexivo. *Impulso* deixou-me uma sensação de continuidade, como se a narrativa tivesse aberto questões que permaneceriam em suspenso. Quem somos nós, para além das expectativas alheias? Em que momentos agimos por convicção e em quais cedemos à necessidade de pertencer? Mais do que acompanhar uma história de jovens em processo de descoberta, percebi que também revisei o próprio percurso. A obra tornou-se um espelho discreto, mas incisivo. E foi precisamente essa capacidade de provocar desconforto e autoconhecimento que transformou a leitura numa experiência duradoura, uma daquelas que não se encerram na última página, mas permanecem a ecoar no interior do leitor.

RESTROSPECTIVA

40 ANOS - UPM

